

CULTURA

Cristina Villares



REVELAÇÃO

Visões de um sertanista

Cláudio Villas Boas
conta segredos
que nem Huxley ouviu

Edenilton Lampião

Quando saiu das matas do Xingu, há três anos (após uma permanência ininterrupta de mais de quarenta anos), o primeiro contato do sertanista Cláudio Villas Boas com o chamado "mundo dos brancos" foi um exagero: encastelou-se nos altos do 12º andar de um dos pontos mais movimentados da rua Augusta, em São Paulo. Com ele estavam seu filho adotivo Tauarru – um indiozinho trumai – e, eventualmente, toda a família deste. Quando isto ocorria, o porteiro do prédio avisava: "Cuidado, tem índio lá em cima".

Aconteceu por essa época: o filósofo que Cláudio nutriu nas selvas veio à tona, com força e provocante inquietação. A paisagem e os ruídos urbanos acabaram por fazer explodir nele o pensador. Nessa fase de rua Augusta, a barulheira diurna de um

prédio em construção mais a sempre inacabada sinfonia das buzinas somavam-se ao som estridente de Mick Jagger cantando *Sympathy for the Devil* no Gradiente de Tauarru. O ex-trumai, que fala inglês e luta ai-kidô, atravessa um período de Rolling Stones total, hoje substituído por *rhythm and blues, country and spirituals*, como gosta de dizer, exibindo seu melhor sotaque. Espantadas com este mergulho vertical do sertanista na efervescência da vida urbana, eram raras as pessoas que o visitavam sem ouvir dele uma obrigatória reflexão filosófica entre aquilo que acumulara no Xingu e o que presenciava agora. E saíam de lá ainda mais surpresas com um desconhecido Villas Boas.

Sabotagem cósmica. Há cerca de dois anos ele trocou o sufoco da rua Augusta por uma confortável casa no bairro do Sumaré. Mais à vontade consigo mesmo, começou a reagir às agressões da civilização: entrou para uma academia de judô, fato que até hoje lhe garante corpo e espírito saudáveis, apesar de completar já 62 anos de idade no próximo dia 8. Entre uma

conferência e outra (recebe uma média mensal de sessenta convites na Funai), pôs-se a dar forma aos manuscritos de *A Religião dos Pajés*, livro para lançamento em breve, o segundo da dupla Cláudio-Orlando Villas Boas, prefácio de Antônio Callado. E, para complementar tudo o que aprendera no Xingu a respeito da alma humana, inscreveu-se com decisão e muita fé para um "curso avançado" de parapsicologia.

Bem-disposto, corado – rompeu com uma de suas grandes paixões do sertão, o cigarro –, rodeado por literatura tão diversa quanto Helena Blavatski, Sartre, Marx e Heidegger, sem falar em tudo o que há de importante em antropologia e etnologia, o mais erudito dos dois Villas Boas se prepara para passar suas próximas noites embaixo de uma pirâmide já encomendada a fabricante competente. Sim, uma pirâmide que lhe servirá de teto no quarto como uma barraca. Enquanto esta pirâmide maior não vem, ele se contenta em testar a maravilha egípcia em versão miniaturizada, dessas vendidas em restaurantes macrobióticos, suficiente para se ade-



Cláudio Villas Boas, o humanista, sob a pirâmide dos bons fluidos: revelando agora contatos cósmicos e uma exótica filosofia, ambos concebidos durante os tempos da selva. Numa poética visionária

quar à cabeça como se fosse um capacete. "Isto aqui é uma coisa fantástica", diz, "conserva legumes, afia navalhas. Uma planta cultivada embaixo de uma dessas pirâmides cresce mais vigorosa e rapidamente, já testamos".

Estrelas bailarinas. Invocando desde São Tomás de Aquino ("Um gênio, pois provou que Deus não existe, Deus é") e Heidegger ("Devemos contemplar as coisas como se as estivessemos vendo pela primeira vez") até o hindu Yokananda (ler a sua *Autobiografia de Um Iogue* é fundamental para todo mundo), Cláudio Villas Boas denuncia todo um complot contra a "cultura cósmica" que se aproxima. "Os índios estão cansados de ver naves de todos os tipos sobrevoando o Xingu e já nem se espantam mais."

A única ocasião em que Cláudio resolveu falar dessas naves foi através de um tímido artigo publicado no ano passado na revista *Atualidade Indígena* (*Estranhos objetos voadores sobrevoam o Xingu*), uma espécie de porta-fólio da Fundação Nacional do Índio, a Funai. Agora ele abre o jogo.

Invasão dos trópicos. O sertanista lamenta que não apenas os extraterrestres estejam de namoro com as matas e os seres vivos do Xingu. Abrindo exceção apenas para Darcy Ribeiro e Claude Lévi-Strauss, Villas Boas ataca toda uma longa lista de antropólogos e etnólogos execráveis. Esses

"especialistas estudiosos" batem fotos, recolhem pontas de flechas e vasinhos de barro, fazem-se fotografar com a mão no ombro do índio, na porta da cabana, munem-se de *souvenirs* e vão para o estrangeiro faturar milhões. Para tanto, relatam suas aventuras. Um deles é o bem-sucedido pilantra Marcel Homet. Este francês, que Cláudio não se recorda jamais ter visto circulando pelo Xingu, escreveu na sua "obra" *Na Trilha dos Deuses Solares* (mais de 150 mil exemplares vendidos) que enfrentou sozinho os "teríveis e sanguinários" índios gaviões, depois que seus guias (também índios) desertaram da expedição. A luta não foi das mais árduas: o cara-pálida incendiou um punhadinho de pólvora e os bugres selvagens debandaram em gritaria. Não satisfeito com este plágio grotesco de Caramuru, *monsieur* Homet, às páginas tantas de seu *Na Trilha*, agradece, no maior cinismo, a "colaboração dos Villas Boas". Os índios, por sua vez, se divertem com os tipos intrometidos. "O índio é sarreano, tá sempre dando risada, um jogando água no outro, tudo no maior respeito", diz Cláudio. "Descobriram, antes de Sartre, que o inferno é de fato os outros e simplificaram ao máximo o relacionamento social. Lá ninguém faz pressão em cima do outro, principalmente em cima das crianças, que desde pequenas são iniciadas no cultivo à liberdade dos bons instintos. Se um índio de repente resolve dar um grito no meio da aldeia, ninguém vai lá encher o saco dele. Os casamentos podem ser dissolvidos até três vezes. As 'desquitadas' (Malu Mulher jamais brotaria no seio da tribo) não causam nem enfrentam problemas, pois os mais jovens, a rapaziada solteira, dão preferência a elas."

Durante um dos últimos *quarup* no Xingu, ocorreu um incidente que deixa nossos índios mil léguas à frente do inglês A. S. Neil e toda a sua Summerhill, escola idealizada por ele e descrita no livro *Liberdade Sem Medo*: atendendo a um desses lampejos infantis, uma criança de três anos ateou fogo em duas malocas. A combustão foi fácil e instantânea. Os índios kulkuro — ao contrário do que tais peraltices desencadeiam nas nossas chamadas "melhores famílias" — não só prosseguiram a festa, como ainda deram boas gargalhadas, saudando a imaginação e o poder de realização do pequeno.

"Click" na cabeça. Em 1958, acompanhado de Antônio Callado, Aldous Huxley resolveu comemorar o lançamento de *As Portas da Percepção* com uma viagem ao Brasil. Mais tarde, antes de partir, confidenciou a Gilberto

Freire que a Bahia e o Alto Xingu foram os locais que mais o impressionaram. Foi no Xingu que Cláudio teve um papo de longas horas com o autor de *Admirável Mundo Novo*, então às voltas com pesquisas parapsicológicas, rituais de desdobramento da mente e efeitos de certas plantas na expansão psíquica. Cláudio defende o uso de todas as drogas, embora combata o vício: "A importância dos alucinógenos, como ponto de referência para um conhecimento maior da cabeça humana, precisa ser melhor examinada. Por determinados furos existentes no crânio penetram e saem informações que nem ao menos sonhamos. Eis aí um estudo que deve ser empreendido sem preconceitos e sempre com muito respeito".

Este respeito faltou, por exemplo, aos missionários da Igreja Nativista Norte-Americana, que simplesmente proibiu os "apaches mescalvros" — habitantes das planícies e desertos mexicanos — de ingerirem o mescal em seus rituais religiosos. Huxley, naquela conversa com o sertanista, mergulhou decididamente na questão e saiu impressionado com Cláudio. Mas ele não ouviu tudo.

Villas Boas confessa que muitas das coisas que viu e aprendeu no Xingu — e mais os resultados de suas incursões no mundo dos experimentados parapsicólogos — por enquanto não podem ser totalmente divulgadas. Além das inúmeras naves desconhecidas que viu na região, dos seres que compunham a tripulação (forma humana comum, trajando roupas iguais as de mergulhadores) e do formato das naves (viu-as sob a forma de cruz, de tubos irradiando luz azul, e até quadradas, desafiando os rudimentos terrestres da aerodinâmica), Cláudio recebeu a visita de "um deles", no Sumaré mesmo, em plena capital paulista.

Visitas na noite. Pressentindo o impacto de sua revelação, Cláudio acomoda-se no fundo da poltrona e, gesticulando com as mãos estendidas, num gesto muito seu, passa às minúcias do encanto extraterrestre. A "visita" já era esperada, pois os contatos haviam sido feitos bem antes. O ser chegou à noite, tocou a campainha e cumprimentou-o discretamente, sem dizer seu planeta de origem. Cláudio estava na sala, só. O ser era jovem, trajava roupas comuns. Estranho: entrou na sala e foi direto apagar a luz: "Depois sentou-se aí nessa poltrona em que você está (quase cai do assento, espantado), e no escuro pude vê-lo melhor, pois começou a brilhar todo, da cabeça aos pés. Era um brilho azul, que se fazia mais intenso na altura da cabeça. Ficamos umas duas horas praticamente em silêncio. Era

uma presença calma, confortante, alegre”.

Lembrando a advertência feita por Jesus Cristo (“A Casa do Pai” – ou seja, o universo – “tem muitas moradas”), Villas Boas, como profeta das matas, adverte: o homem está na hora de se preparar para os grandes encontros cósmicos, a fim de que estes não sejam tão desastrosos quanto os que se deram entre brancos e índios. É uma questão de filosofia de vida, esclarece o sertanista: quem não reconhece a energia da vida fluindo nos cachorros, plantas, índios e vermes muito menos reconhecerá os irmãos do universo afora.

Mas, por ser considerada pelos viajantes intergaláticos como “a meninados-olhos da galáxia” – elogiam a riquíssima fauna e a flora perfumada (o aroma vegetal é jóia rara no cosmo), águas de todos os tipos, minérios e frutas –, a nossa Terra pode vir a ser alvo de saques e invasões. É a “pirataria cósmica”. Mas, felizmente, “nosso planeta tem bons aliados, liderados por Jesus Cristo e outros grandes iogues que estão vivos no Tibete, prontos para interferir”, como diz Cláudio. “Esses inimigos extraterrenos são principalmente de planetas hoje quase inóspitos, ciganos à procura de lugar.”

Poeta delirante. Além de gostar de mergulhar a fundo nos mistérios – intuição que aprimorou no calmo convívio das matas –, Cláudio é ho-

mem de certas façanhas: sabe recitar, de cor e salteado, todo o primeiro canto de *Os Lusíadas*, de Camões. São 10 versos, 96 estrofes, que este incrível Villas Boas é capaz de recitar, numa declamação que dura em média três horas e meia, sem parar. De quebra, ele poderá recitar em seguida *O Caçador de Esmeraldas*, de Olavo Bilac, do começo ao fim, sem gaguejar.

Se o visitante surpreender Cláudio num dia de inspiração particular, poderá ser contemplado com lindos solos de violão, que ele mesmo compôs no Xingu. É apenas música – sem letra –, entoada em melodias doces e profundamente calmas. Não é à toa que as preferências musicais de Tauarru chegam a ferir seus ouvidos. Mas ele respeita as opiniões do filho adotivo. Não o repreendeu nem mesmo quando este foi expulso da escola, após uma briga incrível, quando,

a golpes de ai-ki-dô, deu uma tremenda surra em seus colegas, todos mais ou menos da sua idade. Depois dessa, Tauarru, forte e inteligente para seus 17 anos de idade, largou o ai-ki-dô (seu mestre garantia que ele chegaria a campeão brasileiro) e matriculou-se num curso de supletivo. Cláudio recomenda-lhe calma.

A mesma calma ele receita à sociedade contemporânea, “no sentido de se obter, nesta virada de século, um salto em termos de qualidade de vida e maior conhecimento dos mistérios que nos atormentam desde as cavernas”. Uma “atitude cristã sempre ajuda a vislumbrar a luz do fim do túnel”. E aconselha: “No mais, meu filho, os hindus já alertaram para aquilo que a moderna física já constata – o universo é pensamento; a matéria é condensação do espírito. Vamos cair fora deste mundo tridimensional enquanto é tempo”.



Orlando e Cláudio Villas Boas: na luta desde 1943

Um povo cada vez mais longe do paraíso

Em 1943, quando se engajaram na expedição Roncador-Xingu, os irmãos Villas Boas (Leonardo, Cláudio e Álvaro) eram apenas jovens sonhando com aventuras nas selvas, inspirados principalmente por Cláudio.

Mas, aos primeiros contatos com a realidade do sertão, notaram que, para evitar uma rápida destruição dos nativos, diante do avanço da civilização, só mesmo tentando humanizar os brancos e seus métodos.

Naquela época índio ainda era animal incorporado à paisagem. Nada mudara, desde o início da colonização. Os bandeirantes – que Cláudio Villas Boas prefere chamar de “bárbaros”, ao invés de assassinos – dizimavam gente nativa e papagaios com a mesma fúria (Domingos Jorge Velho, só para lembrar, exibiu mais de 3 mil orelhas de índios,

como troféu, no regresso de uma das Bandeiras).

Quando os Villas Boas chegaram ao Roncador-Xingu, a área era comandada por um tal Raimundão, um ser pouco romântico: para ele, cujo filho morreria flechado por um xavante, o negócio era matar qualquer índio que se mexesse. Era uma espécie de general Custer caboclo. O maior obstáculo às pretensões de Raimundão foram os Villas Boas, principalmente Cláudio, o humanista, devorador de Augusto Comte. Ele se opôs aos métodos de Raimundo e deu início a uma concepção antropológica que hoje é respeitada e adotada pelas correntes mais avançadas no setor: a de que a cultura indígena deve ser preservada no estágio em que está, mesmo porque “chegou ao máximo”, sedimentou-se. Preservá-la, só mesmo isolando-a em áreas.

Diante do “avanço inevitável” das frentes de ocupação, o isolamento do índio em áreas delimitadas passou a ser o grande objetivo dos Villas Boas. E, então, em 1961 foi criado o Parque Nacional do Xingu, ocasião em que o presidente Jânio Quadros, ao assinar o decreto, chorou convulsivamente. Emoções à parte, nos últimos anos a maior decepção de Cláudio Villas Boas foi ver a terra dos índios invadida sem o menor escrúpulo, numa clara tentativa de acabar com seu espaço. Cláudio não se ilude: “Os brancos jamais suportariam a liberdade total dos índios, nem mesmo nas reservas. Além disso, o capitalismo internacional jamais admitirá que um agrupamento humano ignore as riquezas do solo, sem devastá-lo. Sem índios, este fim de século vai ser o fim da picada”.